

Redacção, Administração, Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 3-A, 2.º andar
 LISBOA—PORTUGAL
 TELEFONE 539 TRINDADE
 Oficinas de Impressão e Estereotipia
 RUA DA ATALAIA, 114 e 116
 Este jornal não se publica às segundas-fei-
 ras.—Não se devolvem os originais.—Dos arti-
 gos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
 Editor: CARLOS MARIA CORREIA
 Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
 DO TRABALHO
 Aderente à Associação Internacional
 dos Trabalhadores
 Assinatura: Incluído o envio de 10 exemplares
 Lisboa, 12 1/2\$; Porto, 15\$; Provença, 3 meses 35\$;
 Africa Portuguesa, 6 meses 70\$; Estrangeira,
 5 meses 110\$.

TERÇA FEIRA, 22 DE DEZEMBRO DE 1925 DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2165

A GRANDE MANIFESTAÇÃO CONTRA AS DEPORTAÇÕES

A despeito do governo ter proibido a manifestação, milhares de operários dirigiram-se ontem ao Parlamento junto do qual foram recebidos a tiro, à sabrada e à coronhada

O operariado não podia esperar dum regime que se liga a burlões em secretos conluio de moeda falsa senão o acolhimento brutal de ontem. O Banco Nacional Ultramarino arruína as colónias e rouba os cidadãos estampando impunemente papel sem valor? Que faz o Estado? Envia para a Guiné operários que nem julgados foram. O Rêgo Chaves desfalca o tesouro público dando aos Bancos milhares de libras? Que fazem os dirigentes do regime? Metem na cadeia, durante mais de seis meses sem culpa formada, dezenas de operários! Afonso Costa, lá de Paris, digerindo fortunas, lança a «chantage» dos 50 milhões de dólares, abalando profundamente as finanças nacionais? Que fazem os governos? Sancionam os assassinatos dos Olivais e de Silves e as ciladas tenebrosas que vitimaram dois operários, um cego e outro ferido em pleno peito... quando fugia.

Inocência Camacho — mais Camacho do que Inocência — de combinação com um governo parvo ou culpado, encomenda em Londres, sem autorização legal, mais de 300.000 contos de notas de quinhentos escudos, burlando o país? Que fazem os dirigentes do regime? Metem-no na cadeia? Não, porque nesse caso ministros, altos comissários, diplomatas e outros emplumados teriam de gemer também nas enxovias. Não, os dirigentes do regime mandam espadeirar e fuzilar o povo que apresenta ao parlamento reclamações justas.

E', assim, a justiça em Portugal: para os grandes, a protecção e a impunidade no crime; para os pequenos, quando inocentes, os castigos mais severos

A falta de espaço não nos permite dar hoje às nossas apreciações sobre o caso do Banco de Angola e Metrópole a latitude que merecem. Hoje todo o espaço é pouco para verberar o procedimento do governo para com o operariado, proibindo-lhe uma manifestação absolutamente ordeira de protesto — que era, no meio pútrido e vergonhoso em que se vive neste país, uma salutar manifestação de consciência.

A pesar da proibição, como noutro lugar mais largamente relatamos, grande multidão quis acompanhar ao parlamento a comissão que ali foi entregar uma representação sobre as deportações sem julgamento. A polícia, com a sua ferocidade habitual, espancou manifestantes, ficando alguns deles gravemente feridos.

Esta ferocidade da polícia contra o povo que exercia o seu direito de protestar contra uma infamia, contra um abuso do poder, contrasta com o procedimento havido para com os altos trunfos emporcalhados nesta fétida questão do Angola e Metrópole.

As afirmações de A Batalha, que puderam aliciar a negociata secreta, estão sendo hoje confirmadas pela opinião pública e pelas criaturas que andam no segredo dos deuses de lama que predominam nesta terra. A imprensa empenhada em abafar o escândalo não consegue a pesar da sua boa vontade ofuscar o brilho da verdade. Os nomes dos criminosos, dos verdadeiros criminosos, dos responsáveis, das «pessoas de bem» que forjaram o plano tenebroso das notas andam aí murmurados de boca em boca.

A opinião pública já aponta, já acusa os verdadeiros réus. Mas o governo protege-os, a polícia cala-se, a imprensa tenta estabelecer a confusão. Os inocentes são tratados com toda a consideração, com curvaturas de espinha que envergonham um regime inteiro. As violências são apenas exercidas sobre os que não falsificam notas nem contratos. As violências do poder são todas para as vítimas — para o povo.

E a gente obscura do povo que é agredida na praça pública quando protesta contra as iniquidades. E a gente obscura do povo que expia na Guiné crimes que não se sabe quem cometeu. E a gente obscura do povo que tomba mortalmente ferida a tiro pela polícia.

E os banqueiros arruinam tranquilamente o país (veja-se a obra do Banco Ultramarino) passando moeda falsa, com a sanção do Estado.

E políticos de destaque conluíam-se secretamente com burlões para lançar emissões de notas ilegais no montante de milhares de contos.

E quando se pretende saber toda a verdade dessas roubalheiras, a polícia, por ordem dum governo já desacreditado, agredir o povo, vítima de todas estas combinações tenebrosas. E quando se pretende saber toda a verdade a grande imprensa, que facilmente desacredita homens honrados chamando-lhes *legionários* e *põndos-lhes* alcunhas degradantes, da sua invenção, refere-se às criaturas que se sujam na montureira do Angola e Metrópole com adjetivos respeitáveis, carinhosos, doces — que revoltam as consciências rectas.

Todos estes factos vão sendo registados pelo povo, pela massa honesta do país que um dia saberá fazer justiça a todos estes pantominhos endinheirados à custa de roubos e fraudes protegidos por governos cúmplices e pela força pública brutal.

O comício no Salão da Construção Civil

O comício no amplo salão da Construção Civil iniciou-se, aproximadamente, às 14.30. A assistência que era numerosíssima, ocupou toda a sala e espalhou-se pelos corredores, aglomerando-se de maneira a poder ouvir os oradores, que tiveram os seus discursos constantemente cortados de apêlidos de aplauso e de incitamento.

Alexio de Oliveira abriu o comício em nome da Câmara Sindical do Trabalho. Acentua que a manifestação que está decorrendo é a consequência directa do trabalho pertinz que a organização operária vem realizando, por meio de sessões e conferências, em defesa dos deportados.

Refere-se à maneira como foi proibida a manifestação. Na véspera o governador civil avisou que ela não seria consentida. Há pouco a aludida autoridade enviou o seu secretário à sede da Câmara Sindical do Trabalho declarando que proibia a manifestação por recear que houvesse quem com ela quisesse especular.

O governo, declarou ainda o representante do governador civil, tinha a maior consideração pelas classes trabalhadoras e o comício podia realizar-se, até se os operários o pretendessem, no Parque Eduardo VII.

Prosseguindo as suas considerações o orador comunica que a Comissão Pró-Regresso dos Deportados entende que a assistência deve aguardar que ela regresse do parlamento a fim de decidir a atitude que deve tomar. Porém, à assistência cabe resolver em última instância. Termina convidando a presidir Joaquim de Sousa que é secretário do C. G. T.

Fala a seguir Sebastião Marques que se refere à acção que a Comissão Pró-Regresso dos Deportados de acordo com a Câmara Sindical do Trabalho, tem desenvolvido. Não aconselha a assistência a seguir para o parlamento ou a permanecer na sala. Ela que resolva segundo os ditames da sua consciência.

Proibiu-se a manifestação não com o receio de fosse perturbada a decantada ordem pública, mas sim para se ocultar que a classe trabalhadora se erguera em massa, reclamando o regresso dos deportados.

Termina afirmando a necessidade da classe operária continuar mantendo a sua solidariedade para com todas as vítimas da reacção burguesa.

Fala a seguir o dr. sr. Mario Monteiro que, como advogado, declara que não lhe importa que a C. S. T. vá para a esquerda ou para a direita, mas sim o respeito à lei e à Constituição, ambas violadas com as deportações e com as prisões sem culpa formada, há largos meses mantidas.

«Desafio — disse — o sr. presidente do ministério ou o sr. presidente da República a provarem-me que este país está dentro da Constituição. Não sei se os senhores estão à espera da resposta que há de vir do Parlamento, ou se não estão. Entendo que já lá deviam ter ido.

A todo o cidadão é lícito apresentar reclamações ao Parlamento desde que haja infracção da lei. Até resistir é lícito. Mas nós não desejamos resistir, desejamos somente fazer cumprir a lei infringida.

Como advogado, entendo que se pode sair, porque fazendo-o estamos dentro da Constituição. Há indivíduos que estão presos há 7 meses e que, depois de afiançados, ainda continuam presos!

Águas quentes e panos quentes, de nada servem. Não vos incito à revolta, nem vos aconselho a que vão ao Parlamento. Digolhes apenas: Se invertermos os papéis e enviarmos um ofício ao sr. comandante da polícia, a dizer-lhe que acabávamos de sair daqui para fazer uma manifestação ao sr. presidente do ministério, podíamos sair à vontade, e dar vivas e cantar, e deitar flores... que ninguém tinha medo de perturbar os senhores!

Alberto Dias manifesta a sua revolta pela diferença do tratamento havido para os trabalhadores e para os implicados na colossal burla do Angola e Metrópole. Artur Cardoso profere também um pequeno e enérgico discurso condenatório das violências portuguesas e termina dizendo que se a assistência entende que deve ir ao parlamento a sua atitude não significa desconsideração pela comissão pró-regresso dos deportados.

Aberto Moura Pais delegado da construção civil de Almada vem directamente assistir ao comício e trazer a solidariedade do povo daquela vila. O orador ataca a seguir e enérgicamente os atropelos do poder. Emílio Santana pronuncia, em nome da Juventude Sindicalista, palavras de protesto.

Jerónimo de Sousa declara que a atitude assumida pela Comissão Pró-Regresso dos Deportados não foi motivada por qualquer sentimento de receio, mas sim por uma razão de humanidade.

O governo não tem a menor consideração pelas classes trabalhadoras. Se a manifestação se fizer não lhe repugna a hipótese de assistir a um ataque corajoso da força pública sobre uma multidão desarmada. A polícia tem aumentado enormemente o seu poder, chegando a sobrepor-se aos governos. Recorda que o sr. Ferreira do Amaral



Um aspecto do comício realizado no pátio da C. G. T.

afirmou que enquanto comandasse a polícia os presos nunca seriam postos em liberdade.

Findo este discurso de entre a assistência erguem-se vários operários gritando: — Vamos ao parlamento!

E a multidão debanda em ordem, com o fito de se dirigir ao parlamento.

Entretanto... outro comício no pátio da C. G. T.

Enquanto no Salão da Construção Civil e nos corredores contíguos alguns milhares de operários se comprimiam para ouvir os oradores, no pátio do edifício onde estavam instalados uma grande multidão esperava ansiosa o momento em que seriam conhecidas as resoluções do comício. Então, para que a todos fosse dado conhecimento do que se passava, o camarada José Martins Grilo, do comité confederal da C. G. T., dum das janelas do referido pátio improvisou um outro comício.

A multidão, ao ser informada da iniciativa, irrompeu numa grande manifestação de contentamento. José Martins Grilo explicou em seguida os fins da reunião, ou seja o propósito de a organização operária vincular os seus protestos contra os atentados às liberdades públicas que há cerca de oito meses vêm sendo espinhadas com grande desaforo.

Falou depois, do mesmo lugar, Jaime Tiago, pela Câmara Sindical do Trabalho, que num pequeno, mas incisivo discurso combatu a obra das autoridades e do governo no respeitante às deportações e às prisões sem culpa formada.

Francisco Viana, pela Federação Metalúrgica, passa em revista os atropelos à própria Constituição feitos pelas autoridades, combatendo em seguida, em termos enérgicos, a proibição da manifestação ao parlamento que a Câmara Sindical tentava levar a efeito.

Vergílio de Sousa, pelo Núcleo Juvenil Sindicalista de Lisboa, protesta veementemente contra a proibição da manifestação e contra as deportações e prisões sem culpa formada.

Manuel Ramos verbera o procedimento da polícia para com os presos que se encontram nas várias esquadras, e aconselha a multidão a accionar de forma a fazer respeitar as liberdades individuais.

João Miranda, pela Federação da Construção Civil, diz que os presos erguem neste momento um grito lancinante: «Não nos deixeis morrer, salvai-nos as vidas!» Esse grito deve ser ouvido por todos os corações bem formados, deve ser ouvido por aqueles que se não conformam com o arbitrio.

José Martins Grilo, falando pela Federação do Mobiliário, num bem urdido discurso flagela os atentados à liberdade. Em seu entender esta multidão devia ir ao Parlamento erguer os seus clamores contra as injustiças que obrigam à realização deste comício.

Alguns dos assistentes manifestam-se de acordo com o orador, ouvindo-se alguns vivas à organização operária e morras aos tiranos.

Falaram depois Quirino Fernandes, José dos Santos e José Dias que em rápidas palavras condenam as violências cometidas pela polícia, afirmando também os seus protestos contra a medida do governo, que proibiu a manifestação.

Alvaro Rosa, do Sindicato da Construção Civil do Barreiro, discorda da ida ao Parlamento dum multidão indefesa quando se sabe que a força pública a receberá hostilmente.

Jaime Tiago, Artur Gonçalves e Augusto

de Sousa condenam as deportações que consideram obra dos reacconários.

A assistência neste momento começou a debandar em direcção ao Parlamento o que levou um camarada a aconselhar os presentes a esperarem pelos que se encontravam ainda no Salão.

O conselho era já tardio. A multidão encontrava-se na sua maior parte estendida pela Calçada do Combro e disposta a dirigir-se para o Parlamento.

José Martins Grilo encerrou, então, o comício encaminhando-se em seguida os assistentes para o Largo das Cortes.

A entrega da representação ao presidente da Câmara

A Comissão Pró-Regresso dos Deportados, acompanhada pelo secretário geral da Câmara Sindical do Trabalho, advogado do Conselho Jurídico, delegados da Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares, do Sindicato dos Impressores Tipográficos e pelo dr. Mário Monteiro e de pessoas de família dos deportados, entregou ontem, no Parlamento, ao presidente da Câmara dos Deputados a seguinte representação:

Ex.º Sr. Presidente da Câmara dos Deputados. Senhores:

A Comissão Pró-Regresso dos Deportados, que nos seus intuitos honestos e na sua elevada missão é acompanhada pela população operária organizada e consciente — bem como pelos intelectuais que em presença do estranho e estupendo caso tomaram uma atitude desasombrada e clara — vem perante o poder legislativo, perante o executivo e o judicial, trazer o mais solene protesto e a mais indignada repulsa contra o acto bárbaro e anti-legalista, levado a efeito contra um punhado de homens que os tribunais competentes ainda não julgaram.

Pela nossa mente aturdida, as deportações sem julgamento passam ainda, ao fim de tanto tempo (!) como um pesadelo horrível — de tal forma à nossa sensibilidade moral e à nossa concepção da vida e da justiça social repugna acreditá-lo.

Todavia, temos de curvar-nos à evidência e temos de reconhecer que se não trata de uma alucinação ou de um pesadelo nascidos de uma perturbação dos sentidos ou gerados no seio de uma neurose — mas, ao contrário, de uma realidade brutal, de um facto sinistro que enoda uma Democracia, ofende a mentalidade jurídica da época em que vivemos e nega uma moral já conquistada, queimando regressivamente umas quantas etapas feitas pela Humanidade na sua marcha ascensional progressiva!

Senhores:

Por meio de um decreto verdadeiramente inconstitucional, imbuído de ideias macró-nicas — que deviam fazer corar de pejo os seus autores e colocá-los sob a acção pesada mas purificadora do remorso, se disse fossem susceptíveis — deportaram-se sem julgamento para as plagas africanas, alguns para regiões mortíferas, sem processo regular e sem pronúncia, umas dezenas de homens.

Há uma série de meses que o sinistro facto se praticou, tendo-se mantido essa situação, vergonhosamente, a despeito de todos os protestos do operariado, de todas as conferências realizadas por intelectuais e profissionais do foro, de todos os manifestos a público lançados por jornalistas, homens de ciência e homens de letras, de toda a repulsa manifestada nitidamente pela opinião pública que aos poucos se foi esclarecendo e clamando justiça e respeito pela lei.

Há já males irreparáveis pois que, em virtude da surdez dos governos ou da sua pusilanimidade em presença de ameaças de certas perniciosas castas que se julgam no direito de se sobrepor aos poderes do Estado, alguns desses deportados, sem julgamento — sem julgamento e sem processo regular — por lá perecerem — quem sabe se inocentes? — deixando enlutadas suas famílias, para eles não tendo havido, sequer, o respeito que a lei impõe mesmo para com os condenados, que para o degrado não vão sem serem sujeitos a prévio exame médico!

Mas, já que se praticou o nefando acto e já que se tem mantido essa deplorável situação anti-jurídica e anti-constitucional, de tão desgraçadas consequências e de alguns males já agora sem reparação, que, ao menos, num momento de lucidez, de bom senso moral, de decore e de equilíbrio de inteligência, se faça, prontamente, cessar a tremenda iniquidade, fazendo regressar imediatamente à metrópole os deportados sem julgamento e submetendo-os — aqueles que pronunciados forem ou estejam — ao julgamento competente nos tribunais de Lisboa, que são aqueles que têm competência para da acusação tomarem conhecimento e sobre ela decidirem.

Também nas esquadras da polícia — numa situação em que faltam as mínimas condições higiénicas — se mantêm presas, há mais de sete meses, criaturas que, quando em virtude de pronúncia tivessem de estar privadas da liberdade, a sua permanência deveria ser, naqueles locais onde é costume permanecer quando se está de baixo da alçada da lei, representada pelo respectivo juiz de direito que assinou a pronúncia — se não estão pronunciados — então, o seu estado nestas esquadras representa uma enorme monstruosidade, anti-constitucional também, por se verificar que já de há muito se ultrapassou os oito dias da legalidade para a formação da culpa.

Senhores:

É isto que nos traz aqui. Vimos protestar contra uma bárbara iniquidade. Vimos, acompanhados por todos os homens de pensamento e de alma bem formada, reclamar, exigir justiça.

Vimos lembrar — e somos nós que temos de o fazer! — o rigoroso respeito pela lei e pelos direitos consignados na Constituição.

Perturbada e confusa é a hora que passa, cada dia trazendo a supuração um novo escândalo, uma nova fraude, uma nova quadrilha de pessoas que tripudiam sobre a colectividade — tudo parecendo anunciar a queda próxima e ignominiosa dum estado social num fim propostal de liquidação.

O povo tudo vai vendo, acompanhando, observando, comentando e confrontando.

E o que poderá acontecer no dia — que parece avizinhar-se — em que Ele, cansado de esperar, de reclamar, de protestar, de observar e de confrontar, protesta que tudo é inútil, que a sua voz se perde no deserto desolador das consciências mal formadas, que seus brados justicieiros não encontram eco, que tudo se afunda no pântano pestilento da iniquidade e do arbitrio de uma Democracia perversificada?

Não ameaçamos. Possuídos de razão — mostramos apenas, sem subterfúgios e sem sofismas, as cruas linhas do quadro real e deplorável. — E, possuídos dessa mesma razão, exigimos respeito pela lei e, de harmonia com ela, a possível e urgente reparação de uma violenta arbitrariedade que não pode continuar a manter-se por mais tempo.

Apenas isto!

Saúde e Justiça.

Lisboa, 21 de Dezembro de 1925.

A Comissão Pró-Regresso dos Deportados.

dos — Eduardo Ortiz, Manuel Marques, Alberto Monteiro.

Pela Câmara Sindical do Trabalho — Alfredo Lopes, secretário geral.

Assinaram a representação os seguintes organismos sindicais:

Operários Corticeiros de Lisboa, Compositores, Tipográficos, Mobiliários, Operários do Município, Pessoal de Cámaras de Longo Curso, Litógrafos, Fogueiros de Mar e Terra, Manipuladores de Pão, Empregados Menores no Comércio e Indústria, Impressores Tipográficos, Construção Civil, Manufactores de Calçado, Tráfego do Porto de Lisboa, S. U. Metalúrgico, Encadernadores, Arsenalistas do Exército, Operários Alfaiates, Pessoal da Imprensa Nacional, Carrageiros, Arsenalistas de Marinha, Confeiteiros e Pasteleiros, Federação do Livro e do Jornal, Tanoeiros, Empregados de Escritório, Canteiros e Polidores de Mármore, Pintores, Estucadores, Carpinteiros, Pedreiros, Secção da Construção Civil de Palma, Corticeiros de Belém, Hospitais Cívicos, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, Chauffeurs, Caixaeiros de Lisboa, Federação dos Empregados no Comércio e Chapelheiros.

O delegado da F. P. T. L. J. S. fez entrega do seguinte documento:

A' Câmara dos Deputados.

Ex.ºs Srs. — A Federação Portuguesa dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares, que legitimamente representa os trabalhadores manuais e intelectuais que compõem a indústria em todo o país, eleva o seu protesto enérgico e ativo contra as prisões e deportações arbitrárias de operários que são o mais flagrante atropelo às leis e à Constituição da República, cometido por quem tinha por dever velar pelo seu cumprimento e prestígio: as autoridades!

Senhores, acabei com estes suplicios, que são uma afronta à humanidade!

Lisboa, 21 de dezembro de 1925. Pel. Secretariado, (aa) Carlos José de Sousa. António Costa.

O que se passou na Câmara dos Deputados

São perto de 4 horas, quando o deputado socialista dr. sr. Ramada Curto pergunta à presidência se já recebeu a representação da C. S. T. sobre a questão dos deportados. O presidente responde negativamente.

No seu discurso de crítica à declaração ministerial o dr. sr. Ramada Curto teve estas interessantes afirmações: Na questão das deportações a república fez sumir a lei por alcapão e entregou todo o poder a um grupo de janisários que governam tendo tro-nosse no Governo Civil. Para que a rua se acalme é preciso que ao lado de cada homem de temporamento violento não esteja uma desgraça e essa desgraça — diz o orador, apontando o governo — é culpa vossa! Na «legião» desses homens pode haver inocentes, para os quais não houve sequer o direito concedido aos próprios parricidas, de serem observados por uma junta médica que decidisse da capacidade do seu físico para efeito de deportação. Os republicanos que aplaudiram a cessação da pena de morte não tiveram a coragem moral para enforcarem ou fuzilarem esses homens que entregaram à mais cruel das mortes, pelo clima mortífero da Guiné. Não há conservantismo ou democratismo que justifique esta cobardia de não se ter levantado um cadafalso. E estamos nisto: de quando em quando chega a notícia de que morreu um, depois outro, e já lá vão quatro, sem que por parte de quem ilegalmente os deportou se verifique um rebate de consciência.

Tem-se recuado muito desde o 5 de outubro até hoje, pois se até já no parlamento republicano foi proposto o restabelecimento da pena de morte...

O dr. sr. João Camoesas, ministro da instrução do último governo, quis no fim da sessão parlamentar protestou contra a proibição de reuniões operárias nos sindicatos, pela polícia, sessões que têm um carácter de protesto contra as deportações, protesto justo e ao qual se associa, visto que ele visa a demonstrar uma grande verdade: a Constituição foi desrespeitada pelo poder. (O sr. João Camoesas foi ministro há um mês e as deportações mantêm-se há oito meses).

O sr. António Maria da Silva, com o seu actual sorriso, aquele sorriso mentiroso e diabólico que tem ordenado tanta medida repressiva contra nós, que inspirou as deportações e tem, por certo, gosado com as agruras dos sepultados nas esquadras, respondeu: respondeu com hipocrisia ingenuidade: que nada sabia sobre proibição de sessões operárias, mas que lhe parecia que os sindicatos operários não respeitavam a formalidade de comunicar às autoridades essas reuniões 24 horas antes de as realizar; no entanto irá providenciar.

O sr. Silva esquece-se de que a lei de 9 de maio de 1891 permite que sem prévio aviso às autoridades as classes reúnem nas suas sedes, quando e para o que lhes aprou-ver, sendo as suas sessões públicas. Doutra forma não se compreenderia a liberdade de reunião e de associação, salvo se se pretende democratizar a organização operária...

Sobre os presos sociais disse o actual pre-

sidente do ministério que foi informado de que tanto os que estão cá nas esquadras como os que se encontram na Guiné já foram pronunciados. Se não houver agravos da pronúncia, serão imediatamente julgados. O local de julgamento será demarcado pelo Conselho Superior da Magistratura.

Como o deputado dr. sr. João Camoesas insistisse no facto de a policia proibir reuniões operárias, até mesmo as que têm prévio consentimento do governo civil, o sr. António Maria da Silva promete providenciar para que tais factos se não repitam.

E nós cá estamos para ver como... cesteito que faz um cesto...

Gá fora a policia e a G. N. R. disparam e espancam

Na mesma altura que a comissão delegada da Câmara Sindical do Trabalho, na Câmara dos Deputados fazia entrega ao sr. Rodrigues Gaspar da representação que noutro lugar publicamos, cá fora, a guarda republicana e a policia, com furor cambaleante, dispersava à pranchada os operários que no largo das Cortes aguardavam o regresso da comissão.

Correrias, gritos e atropelos davam áquella local o aspecto dum campo de batalha, onde ninguém se eximiu ao furor dos agressores. Recuando sempre aos insolitos ataques, aqueles milhares de operários chegaram á rua de São Bento, sendo nesse lugar feridas as seguintes pessoas:

Francisco Tavares, de 26 anos, natural de Mação, policia 2192, ferido com um tiro na coxa esquerda. Depois de pensado no Banco recolheu á Sala de Observações.

Virgínia Cândida da Silva, de 44 anos, natural de Braga e moradora na rua do Registo Civil, 6, sobre loja, ferida com um tiro no joelho esquerdo. Deu entrada na enfermaria de Santa Joana.

João da Silva, de 25 anos, natural de Lisboa, caldeireiro, residente na rua Maria Pia, 325, tiro no pé direito. Deu entrada na enfermaria de S. Francisco.

Vasco da Rocha Cosme de 18 anos, tipografo, natural de Lisboa e residente na Praça das Flores, 10, 1.º, ferido com um tiro na perna direita, recolhendo á Sala de Observações.

Este ultimo ferido é sobrinho do nosso querido amigo Alexandre Vieira, um dos mais cultos militantes sindicalistas. O estado de Vasco Rocha Cosme é, felizmente, satisfatório.

Os feridos foram transportados ao Hospital de S. José, em autos da Cruz Vermelha e Bombeiros.

No Banco encontravam-se de serviço os drs. Luis Ottoni e Santos Paiva e enfermeiro Oliveira.

Virgínia Cândida da Silva, ferida na rua de São Bento, como acima se fez referência, foi removida ao hospital de São José no auto-taxi 9309 da Sociedade Automobilista Portuguesa, guiado pelo «chauffeur» José Martins, que solitamente se prontificou a socorrer a infeliz. E' um gesto a que não regatearemos o nosso elogio.

Houve ainda um outro ferido, o operário Avelino dos Santos. Quando o civico 1224 agredia barbaicamente a pobre Virgínia da Silva, Avelino dos Santos foi arrastado das mãos do seu algoz. Este furioso voltou-se para o Avelino e agrediu-o na cabeça. Recebeu curativo no hospital de Santa Marta.

Uma sessão em que se relata o ocorrido

Cerca das 17 horas, realizou-se no salão da Construção Civil uma sessão que foi enormemente concorrida, a fim de a Comissão pró-Regresso dos Deputados expor as demarches que foi realizar junto do Parlamento.

Em nome da referida Comissão, Alberto Monteiro descreve pormenoradamente o que se passou no Parlamento. Depois de hora e meia de espera, conseguiu ser recebida pelo presidente da Câmara dos Deputados, sr. Rodrigues Gaspar, que se desculpou da demora, afirmando que ela era devida a não poder ser substituído com facilidade na presidência da sessão. A Comissão, depois de lhe ter lido a representação, significou-lhe a attitudie violenta da G. N. R. que compromittiu os manifestantes, que estavam em attitudie ordeira, contra o gradeamento do edificio para os agredir a tiro e á sabrada, no momento em que entrava o dr. Barbosa Viana.

O sr. Gaspar alegou desconhecer esses factos e declarou que, sendo filho dum marceneiro, tinha a maior consideração pelas classes trabalhadoras e o maior interesse pelas suas reclamações.

O orador declara a seguir que, reconhecendo ser inúteis todos os processos legais, a Comissão pró-Regresso dos Deputados ia apresentar a sua demissão ao conselho geral da C. S. T.

António Costa, em nome da Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, tendo acompanhado a Comissão pró-Regresso dos Deputados em nome do mesmo organismo, entregou a sua representação, bem como a moção aprovada na sessão de protesto promovida pelos Impresores Tipográficos. Declara ter dito ao presidente da Câmara que a Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal lamenta e protesta que, após 15 anos de República, ainda os sabres e as espingardas sirvam para acutillar e espingardar o povo, como agora acaba de succeder fora do Parlamento aos operários que ali estavam no máximo sossego.

Artur Aleixo, em nome da C. S. T., faz sentir que o que pensa a mesma Câmara caia fundo na alma dos trabalhadores. Ante a indiferença dos governantes não devem os nossos trabalhos finalisar, pois o gesto revolucionário do operariado deve servir de incentivo. Sabe que as representações ficarão nas gavetas, mas só um gesto maior do proletariado pode arrancar as plagas africanas dos deportados.

Miguel Augusto, da Construção Civil de Tires, sentia que o protesto não é só de Lisboa, mas também abrange o operariado dos arredores.

João de Sousa, que presidia, diz que deve ser salientado que o protesto não se restringiu a Lisboa, mas se alargou até aos arredores, achando que de futuro os protestos sejam de carácter nacional.

E' aprovado um protesto contra as violências das autoridades, terminando a sessão no meio de grande entusiasmo e de gritos de repulsa pelos actos da policia.

Reúne hoje, pelas 21 horas, a Comissão pró-Regresso dos Deputados, a fim de tratar de assuntos que demandam a compa-

rência de todos os seus componentes e da comissão suplementar.

O operariado de Evore fez-se representar nas manifestações de ontem por um enviado especial da União dos Sindicatos Operários daquela cidade.

A Associação dos Impresores Tipográficos entregou ao presidente da Câmara dos Deputados e ao presidente da República a cópia da moção aprovada na sessão de protesto promovida por aquele organismo em 26 de Novembro.

O mesmo organismo enviou telegramas de protesto contra as deportações sem julgamento e prisões nas esquadras há cerca de oito meses, ao presidente do Supremo Tribunal de Justiça e ao procurador geral da República.

A Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares protesta energicamente contra as agressões de que o operariado foi vítima bem como contra as notícias tendenciosas dos jornais da noite, pois, ao contrário do que afirmaram, os trabalhadores encontravam-se no máximo silêncio em frente do Parlamento quando surgiu um esquadra da guarda e a policia que selvaticamente o acutillaram e agrediram a tiro.

LOTERIA DO NATAL 3.600 contos

Bilhetes abertos em cautelas. 1566 4272, 4841, 4638.

Largo do Conde Barão, 55

Ofertas para os presos

A fim de serem vendidos pelo maior lucro, encontram-se expostos na nossa redacção um corte de fazenda preta para fato de homem e um artistico tinteiro de ferro fundido, para duas tintas, próprio para secretaria. O corte de fato, que foi oferecido pelo nosso camarada Felix, pintor da construção civil, tem já um lance de 10000 pelo camarada Daniel Francisco. O tinteiro é oferta dum camarada inscrito marítimo e já está em 20000, oferecidos pelo camarada Oliveira, tipografo.

Quem mais oferece para auxilio dos presos?

Centenário da Fundação da Régia Escola de Cirurgia

Lições para o dia 21

A's 9 horas.—Lição clinica pelo professor Moraes Sarmiento. Hospital do Rêgo.

A's 10,30 horas.—Lição pelo dr. Moraes Cardoso: «Diagnóstico e tratamento precoce da sífilis». Hospital Escolar (2.ª Clínica Médica).

Mausoleu dos jornalistas

Por proposta do vereador dr. sr. Alfredo Guizado, a Câmara Municipal de Lisboa resolveu ceder um terreno ao Sindicato dos Profissionais da Imprensa, para nele ser construído um mausoleu destinado a receber os cadáveres dos jornalistas. O honroso procedimento da edilidade vai ao ponto de auxiliar essa construção e, assim, dentro em breve, será lançada a primeira pedra do mausoleu.

Ontem, o presidente da Comissão Executiva da Câmara, comunicou á direcção do Sindicato que o mausoleu deveria ser erigido numa das rotundas do cemitério do Alto de São João, solicitando diversos esclarecimentos acerca desse assunto. A direcção do Sindicato, no officio que dirigiu ao dr. sr. Alfredo Guizado, agradeceu mais uma vez a concessão da municipalidade e manifestou o desejo de que o lançamento da primeira pedra do mausoleu se realizasse antes de 31 do corrente.

ACREDITA: A tua voz, a tua fúria, a tua energia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico só têm um inimigo poderoso

NUCLEO CALCINA

TÓNICO ENERGICO ESSENCIAL

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

LABORATÓRIOS DO SARMENTO SARMISTEN, Lda

Praca dos Restauradores, 18 LISBOA

Quem perdeu?

Pelo camarada Leonardo da Costa foi achada uma manivela de automovel, na Rocha do Conde de Obidos, que se encontra na nossa redacção e será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Teatro Gimnásio

Telef. C. 2814

Direcção artistica de GIL FERREIRA

HOJE-VIDA E MORTE-HOJE

LINDA COMÉDIA EM 3 ACTOS em que **PALMIRA BASTOS** interpreta a protagonista.

Em papeis de destaque: Gil Ferreira, Ofélia Brochado, Henrique Albuquerque e Tarquínio Vieira

DOING ÀS 3 HORAS 3.º concerto sob a direcção do maestro Fão

A BATALHA A farça parlamentar

Uma apresentação teatral e uma declaração «cliché» seguidas do lançamento duma casca de laranja

Previo-se que não haveria espectáculo, por motivo da falta de alguns rúbais. No entanto, á hora habitual, repletos os camarotes da empresa e regular concorrência no galinheiro, o quorum estava completo e iniciou-se mais uma da revista perpétua: Um parlamento falido.

Estreou-se o deputado sr. Augusto Arruda, actor de apresentação distinta, voz de trombone, que saúda o contra-regra, sr. Rodrigues Gaspar, e toda a companhia. Refere-se a um vendaval que assolou a filha de São Miguel e que lançou o desalento na laboriosa população daquela terra. Afirma que este caso deve sensibilizar toda a Câmara, mas esta, dividida em grupos, conversa animadamente não ligando meia aos apelos de sensibilidade. O sr. Arruda fica esperando que o governo se apresente para lhe pedir providências.

O sr. Sampaio Maia chama também a attenção da Câmara para a catástrofe de Espinho, posto que o cyclone que ali passou não deixou uma única casa de pé (na sala paira um grande ponto de admiração e interrogação sobre o exagero de todas as casas terem voado). O orador insurge-se contra uma lei travão que não permite auxilio para estes casos e, mandando para a mesa um projecto de lei sobre o assunto, também aguarda a apresentação do governo.

O deputado sr. Alfredo Nordeste, que também se estreia, cumprimenta a presidência e chama ao parlamento uma grande luta (talvez piada á dansa da dita) e associa-se ás palavras do seu colega Maia, esperando, como aquele, ver occupadas as cadeiras ministeriaes.

Por um capricho do destino, após o ter o deputado dr. sr. Ramada Curto perguntado á presidência se já recebera a representação da C. S. T. sobre prisões e deportações, fala o sr. Vitorino Guimarães. Tem gestos arrebatados, caminha de lado para lado, parecendo coxear de calos ou talvez trópego por ter calçado as leis, para ordenar a patifaria das deportações. Insurge-se contra a imprensa, uns jornalistas que tem confundido a questão dos bancos, embulhando o governo da sua presidência com os sr. Inocência Camacho, Rêgo Chaves e Daniel Rodrigues, quando este ultimo fez parte do governo Rodrigues Gaspar. Considera esses homens honestissimos (ora, pois não...) e afirma que o financiamento de Angola como das outras provincias ultramarinas tem sido feito pelos cofres do Estado.

O sr. Filomeno da Câmara (agora da dos deputados) o formidável comandante do 18 de Abril, defende a sua classe, a naval, mandando nesse sentido para a mesa um projecto de lei, contra uma outra lei que considera uma «bota».

O fornecedor de carne humana para a Guiné, sr. Vitorino Guimarães, volta a falar, desta vez para se orgulhar da grande obra da república e oferece aos deputados socialistas todo o seu apoio ao que respeita aos interesses dos trabalhadores. (Se os socialistas fossem governo já tinham um deportador).

Discente-se o duodecimo, cujos artigos matraqueados pelo sr. Baltazar Teixeira, vão sendo aprovados.

O sr. Barros Queirós atravessa o hemicycle, com cara de iluminado.

Um continuo começa a pendurar sobre os ombros das cadeiras ministeriaes. Que belesa se ficassemos por um governo de inoffensivos sobretudos. No entanto isto é simbólico: um governo é sempre um grande sobretudo... sobre o povo, sobre os direitos dos cidadãos, sobre as próprias leis.

Agora entra o governo. O ambiente é de circunspeção, solene como nas tragédias. Mas o governo tem um ar cómico, uma espécie de 9.º «ratos» tendo á cabeça o ratão-mór do sr. António Maria da Silva. Alardam-se nos faulejos e começa o segundo acto.

Fala agora o roberto do diabo, quer dizer o novo presidente do ministério, o já conhecido landrú de opereta. Lê uma chaia declaração ministerial do tamanho da legua da Póvoa, em que se fala em primeiro lugar na ordem pública, se promete administração honesta e esclarecimento do caso dos bancos, relações internacionais amistosas, substituição do actual contrato dos tabacos pela régia; ressurgimento dum Portugal maior (deve ser piada á comemoração da morte de Saadurá Cabral) e promete mais, muita coisa, muita coisa, entre ella o *habeas corpus*.

Não cansa riso este homem; se não fóra o perigo de nos mandarem... evacuar, mandá-lo hiamos despir... a farpela com

que influiu para o maior dos paradoxos contra o *habeas corpus*, deportando-se e mantendo-se presos inocentes durante muitos meses que, uma vez em liberdade, ninguém os indemnizara materialmente nem lhes devolveu a saúde que lhes roubaram.

O sr. Vitorino Guimarães discursa com um ar de trágico, mãos enclavinadas, exalta as virtudes do seu partido, o P. R. P., que pariu tão interessante governo. A sua voz, por vezes sumida, por vezes elevada, tem o tom duma oração fúnebre de mau agouro.

O deputado nacionalista sr. Pedro Pita faz uma cerrada critica á declaração ministerial e invocando velhos ressentimentos partidários que levam o seu partido a não apoiar o novo governo lança-lhe aos pés a casca de laranja duma moção de desconfiança.

Agora fala o socialista sr. Ramada Curto. Produz um disco e blague contando historietas, rendilhan o imagens. Vai apresentando uma moção que não é peixe nem carne antes pelo contrario—diz—e espera que o governo cumpra a lei no referente a delitos sociais. Não usará dos tropos habituais em casos destes, que obedecem a paramentos vermelhos e discursos estudados em casa. Safrá o que sair. E discursa, discursa por toda a sua verve de arlequin, divertindo muito a camara que o rodeia. Considera o Parlamento uma grande revista de teatro em que o sr. António Maria da Silva é simplesmente um quadro novo e a sua declaração ministerial um cliché que pouco será alterado pelos nacionalistas se um dia forem governo. Justificando a aliança dos socialistas com democraticos bonzos no acto eleitoral, afirma que ela teve apenas em mira a conquista daqueles dois logares no parlamento que al uns amargos hão-de causar aos seus aliados.

O partido socialista não tem a força que devia porque o operariado segue o idealismo anarquista e se encontra no sindicalismo revolucionário da C. G. T. e porque em Portugal não há a grande industria nem existem as grandes massas operárias. E' preferível que haja harmonia no Parlamento do que anarquia nas ruas e nos espiritos. A situação exige um governo de força, um governo que governe, para proprio interesse do operariado. (Que tal hein?)

Sobre a ordem pública preconizada na declaração, afirma:

—Não pode haver ordem e paz nas ruas sem paz nos espiritos e nos corações. Neste ponto onde não há industria, nem nada, o problema máximo é a miséria.

A situação cifra-se nisto: Um politico quer arranjar um bom emprego mete-se numa revolução e o operariado sofre por perder a sua fêria, porque lhe matam um ente querido com um tiro, e por que está sujeito a uma justiça de classe, vesga e de trampolim.

E dando assim uma no cravo e outra... no tacão da bota, fala como um autocrismo, segundo uma sua imagem, tocando todas as teclas da declaração ministerial.

Do seu discurso, cheio de contradições e incoerências amaneiradas, daríamos um relato mais desenvolvido se nos sobrasse o espaço.

Para fechar: o discurso terminou com muitos apertos de mão e um chi-chi-coração do sr. António Maria da Silva.

O resto sem importância. Hoje há espectáculo.

PARIS, 21.—Vindo de Tanger chegou a esta cidade o capitão inglês Cummings que é portador das propostas de paz de Abd-el-Krim.

TEATROS, MÚSICA & CINEMAS

São Luís

«Flor do Tojo», opereta de Campos Monteiro e Nicolino Milano

Campos Monteiro é um homem de letras na verdadeira acepção do termo. Escritor sciutillante, ironista duma mordacidade contundente tem escrito bastante e das suas obras muito ficará pelo recorte literário, pela observação e pelo bom humor. E' de Campos Monteiro a letra da opereta «Flor do Tojo» estreada agora no São Luís depois duma carreira gloriosa por outros teatros de Portugal e Brasil.

O assunto da peça foi trazido das lutas liberais entre constitucionais e partidários de D. Miguel e o acontecimento que serve de principal pretexto é o movimento de ideias que agitaram os homens de 1820, entre os quais Fernandes Tomás occupa um lugar de primazia. Essa falange liberal, que faria inveja aos constitucionistas de hoje, foi toda uma época interessante de liberdade e de afirmações. Campos Monteiro encara o assunto com a mais louvável imparcialidade. Nicolino Milano escreveu a musica há uns bons vinte anos e agora, na repositição da peça, refundiu-a, modernizando-a.

A empresa do São Luís andou bem fazendo a revivescência e a companhia que organizou desempenhou-se cabalmente, bastando-lhe os elementos de que dispõe e de que são primeiras figuras Maria Pires Marinho, Almeida Cruz, Alvaro de Almeida, Alvaro Pereira e Terça Gomes, acrescentados esta vez a segura direcção de Serafim Rada, a quem a partitura mereceu o melhor carinho. Maria Pires Marinho não tem nesta opereta dos melhores ensaios para fazer valer a sua boa escola, é pouco para ela, mas nem por isso deixou de se fazer notar. Almeida Cruz cantou correctamente.

Alvaro Pereira teve graça, como a teve noutro género Alvaro e Almeida. São dois Alvaros que não fazem sombra... um ao outro. Os coros masculinos no primeiro acto não estiveram á altura dos seus créditos que, no entanto, bem depressa afirmaram no segundo acto.

A aparição duma bandeira azul e branca conduzida pelo pofa-estandarte do regimento que toma o castelo de Viana, provocou um ligeiro rumor por parte de certos puritanos da República que dos princípios que defendem só conhecem certamente as cores verde-vermelha. O facto tem mais de imbecil do que de irritante. O que quereria esses espectadores exigentes? Naturalmente desejariam que o regimento trouxesse a bandeira verde-rubra. O pior é que nessa época a liberdade que as cores poderiam simbolisar tinha outros defensores de não menor quilate, não existia ainda o Banco Angola e Metrópole e ao fim da avenida da Liberdade não se erguia ainda a Penitenciária...

Não lembra ao diabo! Eliminar a bandeira azul e branca... Se a empresa o fizesse seríamos os primeiros a protestar, mesmo com o risco de nos chamarem «thalassa». Havia talvez dois meios de solucionar o caso: Atribuir a qualquer liberal de hoje a Constituição de 1820, ou avançar um século e fazer passar a acção em qualquer centro republicano.

Não haverá por aí quem ensine um pouquinho de história a estes puritanos?

Nogueira de BRITO

Orquestra Portuguesa

Foi, nesta temporada, o primeiro concerto a que assistimos da orquestra do maestro Fão, cujo titulo, talvez não reparassem, apparece simplificado: «Orquestra Portuguesa». E' menos uma palavra que teremos de escrever de ora em diante. Por esta curiosidade natural de que todos mais ou menos enfermamos, não desgostáramos de saber a razão da mudança.

Porque os componentes da orquestra são só portugueses? Só será este o motivo.

Em beneficio da Cruz Vermelha

O peditiório que em 16 do corrente foi feito em Lisboa por vários grupos de senhora rendeu aproximadamente 26.000 escudos.

DENTES ARTIFICIAIS

a 25000. Extracções sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placar em «cauchú». Consultas das 11 da manhã ás 8 da tarde.

MARIO MACHADO R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Imperialismo ruinoso

PARIS, 21.—As operações militares na Síria e Marrocos custaram, durante o ano económico findo, 950 milhões de francos, e estão calculadas em 500 milhões as do ano em curso.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE, ás 21 horas, HOJE ESTREIA dos notáveis artistas **Romer and Brayner** ilusionistas, ventríloquos e transformistas

O elefante gigante

e os dois poneyes

Otago Bill — TIGRES REAIS

Todas as atracções da Grande Companhia de Circo

Teatro APOLO

Telefone N. 4127

Companhia BERTA BIVAR-ALVES CUNHA da que faz parte ADELINA ABANCHES

A TABERNA

Meie e todas as noites

Exitio inagualado

Peça interessante e de empolgante entreacto

Mas concordemos em que a designação de Orquestra Sinfónica de Lisboa não desmentia a constituição, por isso que não afirmamos a sua nacionalidade não a desmentia também.

Se amanhã um músico estrangeiro passar a fazer parte dela, como já de facto fez, o seu primeiro violino René Boleet, por exemplo, como se justifica a razão do titulo?

Fernandes Fão não precisa de entrar nestes detalhes. O seu nome, a sua probidade artistica, a dedicação á arte musical, são bastante garantia para a nossa admiração e respeito. E este concerto veio provar-lhe mais uma vez. A revelação do prelúdio de Guilherme Mors, professor notável de contraponto em Munich, foi um optimo serviço prestado. Construção sólida, factura admirável, tudo se reúne neste prelúdio para provar a aliança dos motivos, das frases simples á substancial união das notas mais sobriamente combinadas.

O maestro Fão tem de executar mais uma vez nesta época esta bela página.

Os restantes números do programa tiveram optima execução, principalmente o segundo o terceiro andamentos da Sinfonia Rhenana, de Schumann.

Muito boa, também, a execução do prelúdio do 3.º acto de Tannhauser.

N. B.

Reclames

Em récita da moda, para a qual um público muito escolhido fez já as suas combinações, despede-se amanhã, no Nacional, a peça «A Severa», que deixa nos annos do nosso primeiro teatro uma indelevel recordação, não só por se tratar de uma obra consagrada pelo publico, como pelo brilhante desempenho que lhe foi dado neste teatro por parte dos artistas que constituem o quadro dos sociários.

—Presentemente, o artista português mais em foco é, sem contestação, o nosso grande actor José Alves da Cunha, cujo exito, na interpretação do formidável papel de «Couteau», na peça «A Taberna», no Apollo, tendo sido loucamente, entusiasticamente compreendido pelo publico de Lisboa, começa agora a irradiar por todo o país, galgando até as fronteiras, pois que todas as agências telegraphicas o comunicaram para a imprensa das principais cidades do mundo culto. Certos de que «A Taberna» perdurará largo tempo no cartaz, é bom acentuar que se repete hoje.

—O publico todas as noites ri a perder no teatro São Luís, durante a representação da engraçada opereta portuguesa «Flor do Tojo» á medida que por entre ditos de graça genuinamente portuguesa e números de musica inspiradissima, lhe contam a história da heridica familia dos Camelos e das Barbudás. As duas Barbudás são feitas por Terça Gomes e Rosalina Sayal que vão primorosamente na massa «Eufrosina» e na outra velha solteirona.

—Embora só muito difficilmente se pudesse conceber uma melhoria nos espectáculos do Coliseu, o que é facto é que as interessantissimas estreias de ontem vieram dar um novo carácter ao programa que ficou mais vivo e mais movimentado. Pois já hoje há uma nova estreia, que mais contribuirá para dar realce ao admirável conjunto de atracções que ali se exibem. Trata-se dos notáveis artistas Romer and Brayner cujos trabalhos de ilusionismo são do que há de melhor no género e que vão hoje obter sem sombras de dúvida um grande successo.

Completam o espectáculo os números de grande sensação Otago Bill, os tigres reais, o elefante gigante e todas as celebridades da Companhia de Circo.

—Em vista do extraordinário agrado obtido, no Gimnásio, com os dois recentes concertos sinfónicos da direcção do maestro Fernandes Fão e no interesse sempre crescente, que apresentam os primorosos programas de tão artisticos espectáculos, muitas familias mandaram já adquirir lugares para o concerto de domingo, que vai ser verdadeiramente sensacional.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

A Secção Profissional dos Pintores convidou todos os seus componentes a incorporar-se no funeral do seu consocio Pedro Mendes Correia, que se realiza hoje, saindo pelas 15 horas do Hospital de São José.

José António

Faleceu ontem o pedreiro José António, cujo funeral se realiza hoje, ás 14 horas, do hospital de São José para o cemitério do Luimar.

Ocorrências diversas

No Banco do Hospital de São José, receberam curativo e recolheram a casa, Artur Borges, de 11 anos, rua da Estrela, 111, 1.º, que caiu na mesma rua fracturando o braço direito, e João Francisco Soares, de 39 anos, policia 1036, que caiu ao apaeir-se de um electrico na Praça dos Restauradores, ficando ferido na cabeça.

Nova carreira de eléctricos

Deve inaugurar-se amanhã a nova carreira de carros electricos do Rossio á Praça, com passagem pelos Anjos, rua Maria Andrade e Forno do Tijolo, fazendo ligação com a linha actual pela Sé, e estabelecendo por esta área circulação descendente e ascendente de carros. Hoje, as Indústrias Electricas vão proceder á vistoria da linha. A Companhia tem em construção nas officinas de Santo Amaro mais 12 carros para reforçar os serviços já existentes.

TEATRO S. CARLOS

O PRINCEPE JOÃO

HOJE ás 9 1/4 da noite

Espectáculo sensacional

Admiráveis criações de

LUCÍLIA SIMÕES

e SAMUEL DINIZ

A BATALHA NA PROVINCIA E ARREDORES

Ponte de Sôr

Ainda a famosa justiça burguesa

PONTE DE SÔR, 16. — A «Batalha» de 11 do corrente diz alguma coisa sobre o julgamento do camarada Manuel dos Santos Sardinha. Mas essa notícia não está bem pormenorizada e então julgamos conveniente esclarecer tudo completamente para que os leitores possam assim apreciar melhor o caso. Sardinha é de há muito, pela sua independência de carácter e pelo seu esforço em prol da associação, um estorvo para a burguesia, e daí o esta esperar todos os momentos de poder lançar as garras sobre ele.

Os leitores rir-se-ão ao saberem que as palavras «injustiça» que aquele nosso camarada dirigiu ao burguesote João Diogo Pais (o que matou o cão) foram unicamente estas: os senhores não têm o direito de matar os animais que pertencem aos outros, e demais, talvez eu tivesse aquele cão em mais estima que o seu pai o tem a você.

O burguesote não se zangou e concordando com a falta do animal prometeu pagar uma indemnização dentro de poucos dias. Sardinha vai a casa buscar a matrícula do cão para mostrar que possuía licença e eis quando o vê conversando com o burguesote «famoso» (burguesote também) Felizardo Prezado, inimigo fidalgo de Sardinha. Estamos vendo que conversa se passou porque após a João D. Pais declarava que ele não pagava já nada pela morte do animal. Sardinha não pensou em exigir para que o cão fosse pago mas não obstante foi no dia 7 prestar contas do «crime» de «injustiça». E foi nesse dia que se notou na localidade uma grande afluência de burgueses de Aviz, Galveias e Ponte de Sôr, que aspiram ver o nosso camarada uns meses à sombra.

Felizardo Prezado não deixou de se salientar bastante, falando muito com as testemunhas e com o juiz. A sala do julgamento estava apinhada de curiosos, uns desejosos de verem a verdade a claro, e outras (sendo a maior parte) ansiosas para verem perdido o rei. As testemunhas de acusação que foram o chufreiro do queixoso Abílio Sambresio e José Felício não tiveram pejo de em pleno tribunal afirmarem que Sardinha injuriara o queixoso chamando-lhe «andor e canalha».

Isto foi simplesmente revoltante porque é absolutamente falso. Se a terceira testemunha Manuel Monteiro não fosse tão amigo do queixoso, certamente teria provado quanta mentira saía da boca das outras duas testemunhas visto ter assistido a todo o caso do cão, mas Monteiro limitou-se a dizer que se não lembrava já do que se passara. As testemunhas de defesa que unicamente relatavam a verdade, António Marcelino Junior e Júlio Augusto, não foram interrogadas pelo juiz o que indispos a assistência.

Está pois demonstrado que a condenação de Sardinha se deve além das infames manobras dos burgueses, ao espírito retrógrado do juiz que só condenou certamente para dar satisfação aos seus amigos burgueses da terra.

Achamos muito interessante que o juiz, no longo discurso que dirigiu a Sardinha, falasse em ideias avançadas e na transformação da sociedade, e ainda, como quem chora lágrimas de crocodilo, diz dizendo que lamentava a perda do cão de Sardinha e que também a ele juiz uma carrega lhe matara um cão que o fez chorar, etc.—Mas, tinha que sair a condenação...

Vale de Figueira

As amazonas da fé

VALE DE FIGUEIRA, 14. — Apareceu ultimamente, nesta terra, um grupo de senhoras altamente empenhadas em fazer convergir para a igreja todas as pessoas que dela têm andado arredadas, porque isto de frequentar a casa de Deus é coisa que cada vez está agradando menos.

As fervorosas damas não se atiraram logo de entrada aos homens recando que grande sacrifício pudessem resultar do seu desejo de levar para a igreja, contra a população masculina, desta terra. Foram-se às mulheres. E, andando de porta em porta, pedindo às mães para ir baptizar os filhos à igreja e prontificando elas a fazer todas as despesas e a dar um vestido para o enxoval de cada criança.

E a eterna exploração a exercer-se sobre a miséria. O que é certo é que estas amazonas da fé conseguiram levar à igreja 71 crianças.

E de prever que elas não sejam, tão bem

Tortozendo

Uma rectificação

A bem da verdade rectificamos a notícia que ultimamente demos sobre «Um católico violador de crianças», na parte que se refere ao nome do biltre que assim procedeu, o qual se chama António e não Francisco. O resto está perfeitamente certo.

Cemitério é votos...

O cemitério desta vila encontra-se num estado deplorável. Há dias fomos lá acompanhar o nosso falecido camarada Alfredo Craveiro e horrorizámo-nos o estado em que vimos, especialmente, a vala comum que mais parece um pântano com crâneos e ossadas a trouxe-mouxe. As campas todas destruídas. No entanto não faltam candidatos numa roda viva a procurar abichar um lugar na junta de paróquia.

Uma escola em ruínas

Já há tempos nos referimos neste local ao estado de desleixo em que se encontrava a escola primária desta terra. O desleixo avolumou-se e a escola hoje é uma verdadeira ratoeira para as crianças que a frequentam, pois que as últimas chuvas a danificaram, abaulando as paredes e ameaçando ruína.

Providências, a quem pedir?

Não será para estranhar que qualquer dia, suceda o que sucedeu numa localidade aqui próxima, chamada Provezim, em que após a saída das crianças abateu o edifício. Aquelas, porém, salvaram-se; e aqui haverá a mesma sorte?

Para isto não chega o dinheiro... — C.

O triunfo duma cantora negra nos Estados Unidos

Pela primeira vez na história da arte lírica, nos Estados Unidos, uma negra, retinta e de bastante carapinha, cantará, como soprano, na Grande Opera de Nova York. Trata-se de «Miss» Marguerite Avery e precisamos acrescentar, desde logo, que essa cantora alcançou pelos próprios méritos, depois de haver derrotado 22 concorrentes brancos no concurso de Town Hall, presidido pelo professor Fontana, tão alta distinção que fez perder o sono a tantas artistas célebres que passam pelo cenário do mundo.

«Miss» Avery é jovem, não tem beleza fisionómica, mas possui um corpo esbeto e de linhas esculturais, condições essas que há-de auxiliá-la, tanto quanto a voz privilegiada, para conseguir a culminância da arte lírica no mundo inteiro, segundo opina o professor Fontana, explicando as razões do seu voto no juri de Town Hall.

Não obstante a cor da sua cutis, acredita o referido mestre que a senhorita Marguerite Avery há-de ser «animada» pelo público entendido em arte, porque possui uma voz de incomparável beleza, sem competitora na actualidade.

Devemos fazer sobressair nestas notas o seguinte facto significativo: «Miss» Jessie Zachery, que obteve o segundo lugar no mesmo concurso, foi a primeira a abraçar a sua competitora, exprimendo-lhe a satisfação que sentia por ver um triunfo tão legitimamente conquistado.

Conhecemos nós um país em que tal absolutamente não se daria, havendo logo prontamente formidando e recriminações azedas contra a mesma examinadora...

Agora, imaginem que isto se passou nos Estados Unidos, onde a raça de Cham não gosa positivamente de grande carinho, nem mesmo de simpatia e não tem nenhuma espécie de regalias.

Os negros de Harlem (Harlem é o bairro da gente de cor, em Nova York) onde viu a luz «Miss» Avery, mostram-se entusiasmados com o êxito obtido pela concorrente e, durante uma semana inteira, entregaram-se às mais variadas manifestações de contentamento.

AGENDA

CALENDARIO DE DEZEMBRO

S.	1	11	18	25	HOJE O SOL
S.	2	12	19	26	Aparece às 7,52
D.	3	13	20	27	Desaparece às 17,19
S.	4	14	21	28	FASES DA LUA
T.	5	15	22	29	L.C. às 30 às 2,15
Q.	6	16	23	30	O.M. às 8 às 12,15
Q.	7	17	24	31	L.N. às 15 às 19,15
					O.C. às 22 às 11,15

MARES DE HOJE		
Praamar	às 8,06 e às 8,41	
Baixamar	às 1,04 e às 1,36	

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda

Sobre Londres, cheque	95800
Madrid, cheque	2578
Paris, cheque	373
Suiza, cheque	3880
Bruxelas, cheque	589
New-York, cheque	19560
Amsterdão, cheque	7589
Itália, cheque	579
Brasil, cheque	2582
Praga, cheque	559
Suécia, cheque	5826
Austria, cheque	2577
Berlim, cheque	4568

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Nacional. — As 21. — «A Severa».

São Carlos. — As 21.30. — «O Príncipe João».

Pollensa. — As 21.30. — «Seguro de Vida».

Trindade. — As 21.15. — «O Cló».

Glória. — As 21.15. — «Vida e Doçura».

Ilipio. — As 21.15. — «A Taberna».

São João. — As 21.15. — «O Pão de Ló».

Thémida. — As 21.15. — «O Pão de Ló».

Coliseu. — As 21. — «Companhia de circo».

Núcleo Vitória. — As 20.30 e 21.30. — «Foot-Ball».

Século 20. — As 9.45. — «O Pírolito» Animatógrafo e Variedades.

Cinema El Viciente (4 Graças). — Espectáculos às 3.30, 5.30, sábados e domingos com matineus.

Teatro Parque. — Todas as noites. Concertos e variedades.

ISQUEIROS

Pedras, Metal Auer, vendem-se no LATA, do Conde Barão. — Dúzia, \$40; 100, 2850 milheiro, 25800.

FABRICA

GOARMON & C.

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19 — TELEF. C. 1244 — LISBOA —

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda não dando lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas marca «Touros» da Est. União Fome Petrol, Lda, rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que as encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragem e pedras.

CONSELHO TECNICO

DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório: Calçada do Combro, 38-R. 2.º

Lede o Suplemento de «A Batalha»

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 93

Telefone N. 5353

Medicina: coração e pulmões — Dr. Amândo Narciso — As 5 horas.

Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — As 5 horas.

Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — As 5 horas.

Fala e audição — Dr. Correia Figueiredo — 11 e 12 horas.

Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 horas.

Doenças dos olhos — Dr. Mácio de Matos — 3 horas.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.

Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas.

Doenças das senhoras — Dr. Emilio Paiva — 2 horas.

Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12 horas.

Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 2 horas.

Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 h.

Cancro e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.

Raio X — Dr. José de Padua — 4 horas.

Análises — Dr. Gabriela Beato — 4 horas.

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Soc. anon. — Estatutos 30 Novembro de 1894

MATERIAL E TRACÇÃO

SERVIÇO DE ARMAZENS

Fornecimento de 10.000 quilos de estanho em lingotes de 1.ª qualidade

No dia 28 de Dezembro, pelas 12 horas, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a comissão executiva desta companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 10.000 quilos de estanho em lingotes de 1.ª qualidade.

As condições estão patentes, em Lisboa, na repartição central do serviço dos Armazéns da Divisão do Material e Tracção, edifício da estação de Santa Apolónia, todos os dias úteis das 10 às 16 horas.

O depósito para ser admitido a licitar deve ser feito até às 11 h 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relógio da estação do Rocio.

Lisboa, 12 de Dezembro de 1925.

O Director geral da Companhia (a) F. de Mesquita.

“HERPETOL”

— Dá um —

Alívio instantaneo



SOBRE DE COMIÇÃO provocada pelo ECZEMA e outras DOENÇAS DE PELE? A aplicação de umas gotas de «HERPETOL» fará desaparecer rapidamente a comição.

O «HERPETOL» CURA. A atestá-lo temos os inúmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A acção do «HERPETOL» é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes que se encontram nos tecidos, os quais são a causa de todo o mal. E' de um maravilhoso efeito para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MORSECO e CROSTAS DURAS.

Não hesite e compre um frasco de «HERPETOL» o melhor remédio que até hoje apareceu.

A' venda nas principais farmácias e nos depósitos, em Lisboa, Rua da Prata, 237, 2.º.

Valério, Lopes & Ferreira, L.º

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metal, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para cadeiras, — guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, aerras circulares e de fila, etc.

84, R. DO IMPREG. 86 — LISBOA — TELEF. 3330, 3331, 3332, 3333, 3334, 3335, 3336, 3337, 3338, 3339, 3340, 3341, 3342, 3343, 3344, 3345, 3346, 3347, 3348, 3349, 3350, 3351, 3352, 3353, 3354, 3355, 3356, 3357, 3358, 3359, 3360, 3361, 3362, 3363, 3364, 3365, 3366, 3367, 3368, 3369, 3370, 3371, 3372, 3373, 3374, 3375, 3376, 3377, 3378, 3379, 3380, 3381, 3382, 3383, 3384, 3385, 3386, 3387, 3388, 3389, 3390, 3391, 3392, 3393, 3394, 3395, 3396, 3397, 3398, 3399, 3400, 3401, 3402, 3403, 3404, 3405, 3406, 3407, 3408, 3409, 3410, 3411, 3412, 3413, 3414, 3415, 3416, 3417, 3418, 3419, 3420, 3421, 3422, 3423, 3424, 3425, 3426, 3427, 3428, 3429, 3430, 3431, 3432, 3433, 3434, 3435, 3436, 3437, 3438, 3439, 3440, 3441, 3442, 3443, 3444, 3445, 3446, 3447, 3448, 3449, 3450, 3451, 3452, 3453, 3454, 3455, 3456, 3457, 3458, 3459, 3460, 3461, 3462, 3463, 3464, 3465, 3466, 3467, 3468, 3469, 3470, 3471, 3472, 3473, 3474, 3475, 3476, 3477, 3478, 3479, 3480, 3481, 3482, 3483, 3484, 3485, 3486, 3487, 3488, 3489, 3490, 3491, 3492, 3493, 3494, 3495, 3496, 3497, 3498, 3499, 3500, 3501, 3502, 3503, 3504, 3505, 3506, 3507, 3508, 3509, 3510, 3511, 3512, 3513, 3514, 3515, 3516, 3517, 3518, 3519, 3520, 3521, 3522, 3523, 3524, 3525, 3526, 3527, 3528, 3529, 3530, 3531, 3532, 3533, 3534, 3535, 3536, 3537, 3538, 3539, 3540, 3541, 3542, 3543, 3544, 3545, 3546, 3547, 3548, 3549, 3550, 3551, 3552, 3553, 3554, 3555, 3556, 3557, 3558, 3559, 3560, 3561, 3562, 3563, 3564, 3565, 3566, 3567, 3568, 3569, 3570, 3571, 3572, 3573, 3574, 3575, 3576, 3577, 3578, 3579, 3580, 3581, 3582, 3583, 3584, 3585, 3586, 3587, 3588, 3589, 3590, 3591, 3592, 3593, 3594, 3595, 3596, 3597, 3598, 3599, 3600, 3601, 3602, 3603, 3604, 3605, 3606, 3607, 3608, 3609, 3610, 3611, 3612, 3613, 3614, 3615, 3616, 3617, 3618, 3619, 3620, 3621, 3622, 3623, 3624, 3625, 3626, 3627, 3628, 3629, 3630, 3631, 3632, 3633, 3634, 3635, 3636, 3637, 3638, 3639, 3640, 3641, 3642, 3643, 3644, 3645, 3646, 3647, 3648, 3649, 3650, 3651, 3652, 3653, 3654, 3655, 3656, 3657, 3658, 3659, 3660, 3661, 3662, 3663, 3664, 3665, 3666, 3667, 3668, 3669, 3670, 3671, 3672, 3673, 3674, 3675, 3676, 3677, 3678, 3679, 3680, 3681, 3682, 3683, 3684, 3685, 3686, 3687, 3688, 3689, 3690, 3691, 3692, 3693, 3694, 3695, 3696, 3697, 3698, 3699, 3700, 3701, 3702, 3703, 3704, 3705, 3706, 3707, 3708, 3709, 3710, 3711, 3712, 3713, 3714, 3715, 3716, 3717, 3718, 3719, 3720, 3721, 3722, 3723, 3724, 3725, 3726, 3727, 3728, 3729, 3730, 3731, 3732, 3733, 3734, 3735, 3736, 3737, 3738, 3739, 3740, 3741, 3742, 3743, 3744, 3745, 3746, 3747, 3748, 3749, 3750, 3751, 3752, 3753, 3754, 3755, 3756, 3757, 3758, 3759, 3760, 3761, 3762, 3763, 3764, 3765, 3766, 3767, 3768, 3769, 3770, 3771, 3772, 3773, 3774, 3775, 3776, 3777, 3778, 3779, 3780, 3781, 3782, 3783, 3784, 3785, 3786, 3787, 3788, 3789, 3790, 3791, 3792, 3793, 3794, 3795, 3796, 3797, 3798, 3799, 3800, 3801, 3802, 3803, 3804, 3805, 3806, 3807, 3808, 3809, 3810, 3811, 3812, 3813, 3814, 3815, 3816, 3817, 3818, 3819, 3820, 3821, 3822, 3823, 3824, 3825, 3826, 3827, 3828, 3829, 3830, 3831, 3832, 3833, 3834, 3835, 3836, 3837, 3838, 3839, 3840, 3841, 3842, 3843, 3844, 3845, 3846, 3847, 3848, 3849, 3850, 3851, 3852, 3853, 3854, 3855, 3856, 3857, 3858, 3859, 3860, 3861, 3862, 3863, 3864, 3865, 3866, 3867, 3868, 3869, 3870, 3871, 3872, 3873, 3874, 3875, 3876, 3877, 3878, 3879, 3880, 3881, 3882, 3883, 3884, 3885, 3886, 3887, 3888, 3889, 3890, 3891, 3892, 3893, 3894, 3895, 3896, 3897, 3898, 3899, 3900, 3901, 3902, 3903, 3904, 3905, 3906, 3907, 3908, 3909, 3910, 3911, 3912, 3913, 3914, 3915, 3916, 3917, 3918, 3919, 3920, 3921, 3922, 3923, 3924, 3925, 3926, 3927, 3928, 3929, 3930, 3931, 3932, 3933, 3934, 3935, 3936, 3937, 3938, 3939, 3940, 3941, 3942, 3943, 3944, 3945, 3946, 3947, 3948, 3949, 3950, 3951, 3952, 3953, 3954, 3955, 3956, 3957, 3958, 3959, 3960, 3961, 3962, 3963, 3964, 3965, 3966, 3967, 3968, 3969, 3970, 3971, 3972, 3973, 3974, 3975, 3976, 3977, 3978, 3979, 3980, 3981, 3982, 3983, 3984, 3985, 3986, 3987, 3988, 3989, 3990, 3991, 3992, 3993, 3994, 3995, 3996, 3997, 3998, 3999, 4000

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha»

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha»

Renovação

Revista gráfica

A 1 e 15 de cada mês.

Preço esc. 1,50

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de «A Batalha» acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de «A BATALHA».

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5\$00.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 2\$50.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5\$00.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6\$00.

O Primeiro Congresso Feminista e de Educação (ilustrado), por Arnaldo Brasão. Preço 10\$00.

A Ceia dos Pobres (episódio dramático em verso), por Campos Lima. Preço 2\$00.

Sendas de Lirismo e de Amor (novelas), por Ferreira de Castro. Preço 8\$00.

Os Três Milagres do Convento (contos), por António Passos. Preço 5\$00.

A História do Movimento Macnovista (Revolução dos camponeses na Rússia dos Soviéticos), por Archinoff. Preço 10\$00.

A' venda em todas as livrarias e na administração de «A Batalha». — (Desconto aos revendedores).

SAPATEIRO

PRECISA-SE Ajudante

Rua Maria, 7, 3.º ao Bairro

Andrade.

Um livro sensacional

Quereis saber o que é o bolchevismo russo como reacção contra o espírito revolucionário?

Lêde o impressionante livro de Archinoff

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO MACNOVISTA

em que se descreve com todo o rigor e exactidão a revolução dos camponeses esmagada pelo governo dos soviets.

UM GROSSO VOLUME Esc. 10\$00

A' venda em todas as livrarias e na administração de «A Batalha».

Desconto aos revendedores.

Companhia Caminhos Ferro Portugueses

DIRECCÃO GERAL

Concurso para admissão de praticantes de escritório dos serviços centrais

O prazo para a entrega de requerimentos e documentos para este concurso é prorrogado até 31 de Dezembro do corrente ano.

O programa do concurso e demais condições estão patentes na Secretaria da Direcção Geral (edifício da estação de Santa Apolónia) todos os dias úteis, das 10 às 13 e das 14,30, às 16,30 horas.

Lisboa, 15 de Dezembro de 1925. — O Director Geral da Companhia, (a) Ferreira de Mesquita.

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de officios	
Galvanoplastia	18\$00
Motores de explosão	20\$00
Navegação	16\$00
Cimento armado	25\$00
Construção Civil	
Acabamentos das construções	16\$00
Alvenaria e Cantaria	13\$00
Edificações	13\$00
Encanamentos e salubridade das habitações	13\$00
Materiais de construção	20\$00
Terraplenagens e alicerces	12\$00
Trabalhos de Carpintaria	16\$00
Diversas indústrias	
Condutor de Máquinas	20\$00
Foguetes	16\$00
Fornador e estuador	12\$00
Fundidor	13\$00
Pilagem	16\$00
Industria alimentar	12\$00
Industria do vidro	12\$00
Elementos gerais	
Algebra elementar	13\$00
Arithmetica pratica	15\$00
Desenho linear geometrico	12\$00
Elementos de electricidade	30\$00
Elementos de fisica	12\$00
Elementos de Mecanica	12\$00
Elementos de Modelagem	12\$00
Elementos de Projectoes	16\$00
Elementos de Quimica	12\$00



PARA A HISTÓRIA...

Como foi planeado o estrangulamento do grandioso movimento de 3.000 taneiros de Vila Nova de Gaia

No grave momento que a classe produtora atravessa, constitui um verdadeiro milagre a manutenção de um movimento grevista de nove semanas, tal qual o souberam manter 3.000 taneiros do norte e a que a passada semana puderam termo condicional.

E' assombrosa a maturidade duma greve como esta, tendo e claro, em atenção as deficientíssimas condições económicas dos trabalhadores que não comportam neste momento a menor partícula de capacidade de resistência na luta, pois posso afirmar que mais de 90% dos taneiros no dia que se lançaram na greve não possuíam recursos monetários para uma semana.

Bem sabedor está o patronato do alcance que pode atingir a resistência dos operários nas suas lutas reivindicadoras, pois de antemão os submeteu a uma série de privações económicas e sociais, tais como salários irrisórios, alojamento conflagrador, restrição cruel de instrução, etc., para que estes não possam dar grande amplitude às suas revoltas, e o predomínio hierárquico de casta não sofra a menor beliscadura. E' claro que para manter o seu predomínio de flagrantes iniquidades sociais escudam-se nos seus órgãos criados pelo artificialismo das coisas — governo, exército, autoridade, polícia, etc.

Foi cumulativamente accionando todos estes órgãos que os exportadores vinícolas do norte — quasi na sua totalidade ingleses — puzeram termo à greve heroica dos taneiros que era o protesto contra a obra de torna-viagem, principal factor da pertina crise de trabalho que a indústria vem atravessando.

O grandioso movimento dos taneiros, indubitavelmente o mais importante até hoje realizado em Portugal pelos componentes da indústria de tanoeira, teve a caracterização de três factos importantes que se podem assim designar: «Barbára repressão da autoridade — Acção militante — e, moribundez injustificada de consciências, após a luta».

E' ao primeiro destes capítulos que vamos hoje referir-nos, escalpando a corbata de subserviência da autoridade superior do distrito, que, como fiel laço dos exportadores ingleses, se presta caninamente a fazer o escamoteamento das reivindicações de 3.000 grevistas e suas respectivas famílias, esquecendo-se lamentavelmente que também é português e que daquele modo roubava cruelmente o trabalho, o pão e o sossego aos seus compatriotas que manda prender em massa e espancar barbaramente para que jamais possam levantar o seu clamor contra aqueles senhores que fizeram de Gaia uma autêntica colónia sua.

E, a pretexto de uns sapatos dados num outro amarelo, ordena aquela autoridade superior — que devia ser rigorosamente neutra nos conflitos derivados entre o capital e o trabalho — que seja lançada sobre os grevistas indefesos e desprevenidos a matilha preletoriana.

E' indiscutível o que então se passou: correrias, corralhões e espedaçalhadas eram distribuídas a esmo. As prisões de grevistas em massa, sendo emfim dadas largas aos instintos ferozes dos brutos.

A coincidência quiz que assistissemos a aquelas tristes cenas: Vimos a condução dos presos grevistas de Gaia para o Porto, e, pasmados perante o Himalaia de bocalidades dos pretorianos, os quais sob o comando do tão tristemente célebre sargento Zé Joaquim custodiavam os presos na proporção de quatro praças para cada preso, dando assim um aparato bélico à ridícula cena como se tratasse dos bandidos mais terríveis.

Alguns gritavam no meio da escolta *Viva a greve geral!* A cada um destes vivas correspondia uma coronhada que a aglidade do janizário fazia descarregar no dorso dos presos. Contudo os vivos a greve repetiam-se quantas vezes se repetiam as coronhadas. Era preciso que assim fosse para que os senhores feudais britânicos pudessem tranquilizar-se, e a greve podesse ser sufocada com honra e proveito dos seus cofres glutões.

Componente de uma comissão de *démarches*, avistei-me com o governador civil do Porto a fim de reclamar a abertura do Sindicato e libertação dos presos. Confesso que sofri uma grande decepção no momento que fui recebido por aquele senhor, pois, embora de antemão soubesse do antagonismo ideológico de ambos nós, julgava no entanto que ia tratar com uma criatura educada. Mas qual!

O governador civil recebe-nos hostilmente, responde grosseiramente às nossas observações, e num tom áspero objecta-nos: «A associação está muito bem encerrada. Os presos estão muito bem presos, e... tenho ainda muita guarda republicana no Porto para enviar para Gaia se fôr preciso».

Como remate, delegou tudo nas autoridades administrativas de Gaia.

Para lá nós dirigimos, e em abono da verdade temos que confessar que o trato daquelas autoridades foi para a antitesse do governador civil: mais impárcias e educadas. Foi devido à transparência destas que foi reaberto o sindicato e soltos os presos, o que facilitou bastante a terminação — ou antes a suspensão — do movimento nas condições já conhecidas pela *Batalha*.

Os exportadores ingleses conhecem as condições em que terminou o movimento grevista; portanto a certeza que dentro em pouco nos terão novamente pela proa mal a reconstituição das nossas forças permitam que se recomece a greve, pois da terminação da obra de torna-viagem depende a vida da classe e da indústria de tanoeira; e sabem muito bem até onde vai o prestígio dos militantes, e é para estes que agora desviam as suas atenções, inventando vários estratagemas, com o fim de os inutilizarem para a luta. E assim aos mais prestigiosos estão arquitetando um processo infame: o de fazerem parte de uma pseudo associação de malfeitores para com tão reles arrol os deportarem. Conseguirão realizar a infâmia? E' o que diremos depois.

J. TAVARES ADÃO

A atitude dos trabalhadores perante os últimos escândalos

Na opinião de um jornal burguês português que azedamente tem comentado a vergonhosa burla do Banco Angola e Metrópole-Banco de Portugal, o povo deve erguer a sua voz de justiça em altissonante manifestação depuradora. Deve abandonar a sua castradora indiferença, para entrar na virilidade de um cometimento reparador.

Em verdade, a imundície extravasadora que está a denegrir tantos caracteres e a encharcar tantos sentimentos; o tremedal verminoso que está a contaminar, a corromper, uma enorme parte da humanidade — está a demarcar sensivelmente a absoluta necessidade dum «leva-arriba» formidável.

Houve tempo em que a manifestação popular do desprêzo teve o seu quê de filofia, de encantador, de lirismo até. Era quando se verificava ainda um pouco de estuantes repêz em face do desdem que o povo, como exemplar castigo, atirava à passagem dos trampolinos e dos embiônicos saqueadores da nação...

Mas, então, havia ainda uma máscara de vergonha. Mas, hoje que nem essa máscara existe atirada às faces estanhadas dos nossos políticos dominantes e dos nossos financeiros alaripados a *demerit*; hoje que o lodagal pestilento ameaça envolver tudo e todos, essa manifestação do desprêzo, essa «filosofia» popular do silêncio ante uma série tremenda de tão monstruosos crimes de delapdações e de bandalheiras, não tem razão de ser: é, a um tempo, indicadora de covardia e de cumplicidade...

O desenvolvimento miasmático que terrivelmente infesta o ambiente abafado, reclama as fulvas labaredas de um bom archote empunhado pela mão vingadora da população em revolta. Isto já não vai com esguiços de mangueria prudencial a barrifar escorrências de moralidade a pedido. A situação impõe uma inconfundível inundação de «petróleo» incendiário capaz de incinerar o microbismo parasitário e ladrão que dilacerava a existência moral e económica, social e física dum povo que trabalhava até cair exangue de fadiga e de miséria...

E' preciso, porém, fazer-se a indispensável destruição. O movimento camarteante que entende dever ser pôsto em prática, pondo em montões de ruínas e em nuvens de cinzas todo o estabelecimento capitalista estatal fabricado de todo ofalmo amodoamento do labor proletariano — não é um movimento *restaurador*, como pretende a imprensa a que me refiro, mas um movimento de subversão inflexível para se seguir o obrerismo renovador.

O movimento de *restauração* que eufemisticamente se propagandea a propósito do formidabilíssimo escarceo vigiarador dos Bancos Portugal-Angola e Metrópole e seu respectivo pessoal director — tende a acorê este grito: *Redivivis!* fazendo resurgir, das tumbas do passado, todo o espectante formulário medieval, nimbado pela auréola do fascitismo «antropofágico»...

Para um restauro de processos antigos de tirania, cerceamentos e pilhagens — não vale a pena o sacrifício duma *bernarda* sanguiscenta.

A *escroquerie* por junto das notas «bênticas» copiadas na litografia Waterlow & Sons, constitui já uma esplêndida *flora* recendida da semente criadora das «forças vivas» da nação, anelantes por um regime semelhante ao dos Farinacci...

A acção enérgica que deve explodir e reventar, estilizar, pulverizar, todas as te-nebrosas anfractuosi-dades burguesas — tem de considerar-se como a de *renovação*. Ela não quer *restaurar* espantinhos da escuridão medieval — para, iluminados pelos fogos fútuos da cemiterial putrefacção dos massacrados, listarem-nos a fogo o marfrio ingente da escravatura e opressão absolutistas — mas sim «forno-crematori» o corpo moribundo da sociedade capitalista em franca decomposição, a fim de, feitas em cinzas as vísceras da megera social, se poder trabalhar na construção segura dum Futuro livre na Terra livre, onde jamais possam tripudiar os Bandeiras e os Reis dos Bancos de Portugal, Angola e Metrópole, Nacional Ultramarino, etc., por muito *lucros* que eles possam ser...

Sim, o povo, o que trabalha, na presença de tão piramidais froubadeiras que o aniquilam pela esfomeação, deve, sem dúvida, sair do seu ramerrão abúlico e agitar-se contra os falsários de toda a espécie — mas deve também operar por sua conta própria, pela liberdade e contra a tirania, pela harmonia do trabalho e contra o parasitismo, pela solidariedade recíproca e contra a rouba-lheira do homem pelo homem, impulsão do seu entendimento, a sua organização revolucionária e profissional pela qual se habilite a prescindir de intermediários e a tomar a gestão directa da produção e do consumo, colocados ao serviço das gerais necessidades de toda a humanidade...

Esta era a verdadeira revolta e a verdadeira justiça popular que certa imprensa agora «ruba» devia atear, se ela não andasse com reservas especulativas e não pertencesse a outros núcleos tão pulhotes como os do Angola e Metrópole.

C. V. S.

SOCIEDADES DE RECREIO

S. Filarmónica Esperança e Harmonia — Elegue a direcção para o ano de 1926 que ficou composta pelos srs.: Candido Alberto Teixeira, Manuel Jacinto, António Carlos Cipriano Diniz, Claudino dos Santos, António Germano Meynard, João Baptista Alves e Constantino da Costa Monteiro.

Procedimento incorrecto

Ontem, o nosso colega de imprensa Negro, dum jornal da tarde, quis entrevistar o dr. Pinto de Magalhães, director interino da Polícia de Investigação Criminal. Aquele funcionário, porém, porque não quisesse conceder a entrevista entendeu que devia acompanhar a sua recusa de palavras menos corteses para o nosso colega.

Contra o facto erguemos o nosso protesto. A direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa tomou conhecimento do incidente, resolvendo protestar junto das entidades competentes contra o intempestivo procedimento daquele funcionário.

Tribunal de Arbitros Avindores

Uma frustrada tentativa de caciquismo

No passado domingo, realizou-se no Tribunal de Arbitros Avindores de Lisboa a eleição para a escolha de doze arbitros, sendo seis para a pauta patronal e o restantes para a pauta operária. Presidiu o dr. juiz sr. Humberto Pelagio, tendo como secretários os escrivães srs. Joaquim Lopo Pina Vidal e Leopoldo Almeida Araújo e escrutinadores os srs. Teodoro Pombal pelo patronato e Manuel Maria de Sousa pela classe operária, os quais procederam à contagem das listas, tendo sido eleitos pela classe patronal, para efectivos, os srs. José de Azevedo, José Dias Sobral e Abilio Raúl Frazão e Alberto Graça, José Luis Serrano e Francisco Gonçalves Rebelo para substitutos. A votação na classe operária recaiu em: Joaquim da Silva Carvalhais, Alfredo Lopes, Izequiel Barros dos Santos, António Rodrigues Pereira, Inacio Marques e Vítor Carlos Reis de Araújo.

O delegado Dário Gomes Nôvo não se conformando com a eleição do delegado da Associação dos Empregados Menores do Comércio e Indústria António Rodrigues Pereira, nem com a eleição de Marcelino de Mendonça, Inacio Marques e Vítor Carlos Reis de Araújo, alegando que não conheciam estes dois últimos, protestou perante o juiz, com o fundamento de os três eleitos acima mencionados não estarem indicados oficialmente por qualquer das Associações presentes e por António Rodrigues Pereira constar da indicação no ofício, feito pela sua Associação como substituto, como ainda por dois delegados do mesmo sindicato já fazerem parte da pauta operária, o que representa uma infracção ao espírito da lei (representação de classes). O juiz aceitou o protesto e deu como não eleitos os camaradas António Rodrigues Pereira, Marcelino de Mendonça, Inacio Marques e Vítor Carlos Reis de Araújo, tendo sido escolhidos para substituí-los estes nomes, os delegados Manuel dos Santos representante da Associação dos Pintores da Construção Naval e Anexos, Domingos Gonçalves da secção dos estuadores da Construção Civil e Dário Gomes Nôvo todos duma lista de oposição.

Os delegados Jaime de Vasconcelos, Sampaio Quaresma, José Rodrigues Aparício, Agostinho Francisco Capitão e Manuel Vieira Tomé, escolhidos respectivamente pela Associação de Empregados de Escritório, Secção dos Pedreiros, Secção dos Canteiros e Polidores de Marmore e do Pessoal dos Caminhos de Ferro Portugueses, não puderam ser eleitos, os dois primeiros por não terem idade de serem elegíveis e os dois últimos por não trazerem nos ofícios enviados pelos seus organismos a respectiva idade.

Ao candidato da C. P. não fez transtorno algum este percalço, pois continua a ser arbitro neste tribunal até ao final de 1926 por ter sido eleito o ano passado.

Dário Gomes Nôvo julgando que a forma de eleição neste tribunal era a mesma usada nas eleições políticas, trouxe um grupo de *caciques* para votar no seu nome, mas foi infeliz no seu desejo, porque a forma de eleição é só restrita aos delegados nomeados pelas respectivas associações.

Os operários alemães lutam pela alta dos salários

A constante carestia da vida trouxe aos operários alemães apenas pequenos aumentos de salário. Diversas classes se agitam na reivindicação de melhoria de situação, porquanto se vêem forçados a grandes privações para se alimentarem.

Na indústria de produtos químicos, em Hesse-Nassau e na Baviera, os patrões declaram o *lock-out*, por não quererem aceder às reclamações dos operários. O *lock-out* proclamado lança 50.000 operários para a forçada inactividade. O Tribunal de Arbitros ditou uma sentença que determinava a cessação imediata do *lock-out* e o impedimento de novas greves, assim como prescrevia a impossibilidade de se elevarem os salários, alegando a extrema gravidade da situação económica.

A pesar desta sentença, a luta pelo aumento de salário continua em Hesse-Nassau. Enquanto os industriais repudiam todas as reclamações de aumento de salário, os operários repelem todas as sentenças arbitrais que ferem a sua justiça.

A luta terminou, finalmente, pela concessão dum aumento de dois *pennings*, menos dozeito do que o aumento reclamado.

Nas grandes fabricas metalúrgicas de Solingen, o delegado do governo recusou atender o pedido feito pelos patrões de tornar obrigatório o antigo contrato de trabalho, mantendo-se com esta recusa o regime de oito horas de trabalho.

Despeitados os patrões declararam o *lock-out*. Em Thüring, porém, uma sentença arbitral determinou o aumento de horas de trabalho, segundo as necessidades da industria até 54 horas por semana. Esta decisão não poderia ser revogada antes do fim de Junho do ano proximo.

Em Mayença, Wiesbaden, foi evitado um *lock-out* por meio de um acordo que concedia aos operários um aumento de salário de 6 *pennings* por hora.

Para os trabalhadores do aço e do ferro na Renania e Vestefalia, os sindicatos pediram um aumento de salário de onze por cento, o qual havia sido já recusado pelos patrões e contestado por uma sentença arbitral.

Na Baviera setentrional, o presidente do governo conseguiu impedir a declaração do *lock-out* na industria textil, que ameaçava 24.000 operários. Fez-se um acordo, a vigorar desde 1 de Abril do próximo ano, concedendo um aumento de oito por cento nos salários e uma percentagem de cinco nas horas extraordinárias. Além disso, a duração de trabalho foi reduzida de 60 para 54 horas semanais.

A catástrofe de Espinho

Por iniciativa duma comissão de marítimos e que são, ao mesmo tempo, delegados à Federação marítima, foi resolvido levar à prática no próximo domingo 27, do corrente, um bande precatório a favor das vítimas da catástrofe da vila de Espinho, onde perdeu os seus haveres a maioria da classe piscatória daquela vila.

A insinceridade das manifestações fúnebres

Escreviamos aqui há tempos, que se podem classificar de torpes comédias os entões que a cada passo para aí vêm, e essa afirmação, que fundamentávamos com vários episódios desse péssimo costume que toda a gente tolera, essa afirmação co-lhe mais um apoio num artigo dum jornal de provincia que temos diante de nós e que não resistimos à tentação de transcrever em parte. Façamo-lo já, para que não se perca nada do valioso documento. — «Anjinho — Alou-se à mansão do infinito no domingo à noite...

A simpática criança era irmã gêmea de outra não menos interessante de nome António e nasceu prematuramente, mas devido aos carinhos e cuidados dos bons pais a despeito disso viveu estes poucos meses que foram o suficiente para ser envolvido num manto de amor muito terno, apaixonado, santo como é o amor de pai, como é o amor de mãe... Assim partiu o irmão gêmeo do António desse que fica para atenuar a dor dos pais se não a avivar mais ainda porque traz a recordação do outro. Mas deve acalmá-la porque é figura igual e quando nas faces mimosas do que fica tiver de se depor um beijo carinhoso, pode repetir-se como se ali naquele lar feliz estivessem os dois, fossem ambos beijados...

E' adjectivo para um lado, burrice para outro, o *finché* articulista enche coluna e meia com a mansão do infinito, com as faces mimosas do António e o calante dos beijos... e o grande raio que o parta e mais a estupidez da prosa que estica como massa de pão, só para que a família enludada, agradecida pela data de bobeiras do conspícuo jornalista, arranje mais uma assinatura ou pague de qualquer forma o *escachemate* que por uma anomalia de educação se sobrepõe no cérebro dos doridos pais à perda do filho querido.

E' verdadeiramente infame a forma como a maioria da imprensa se porta num caso como o que vimos de apontar, mas se qualquer desses bons burgueses que para aí vegetam tivesse a ousadia (que não tem) de ler este artigo, esses não hesitariam em afirmar que nós somos um estúpido e irreverente parvo, que não respeitamos os mortos e que ferimos no mais íntimo do peito um pai possuído da maior dor humana...

Pois em que pese aos ilustres e sábios respeitadores dos mortos nós afirmamos que, embora não tenhamos (em parte) essa preocupação, julgamos respeitar mais ainda a memória dum morto não consentindo sem protesto na grosseira mistificação da imprensa, do que disparando sobre a família enludada a metralha *adjectival* fácil de colher num pobre dicionário que sem o saber auxilia tanta vez a estúpida mentira do sentimento pela morte daqueles de que essa imprensa procura servir-se para engrossar os seus capitais.

Alguns haverá que ao lerem as nossas palavras, sintam desenvolver-se dentro dos seus cérebros uma onda de longínqua revolta contra a irreverência que vêm nessas palavras... A esses lembrem-se só que há muitos séculos já que o culto da morte é explorado por todos aqueles que das religiões vivem, porque é de um poderoso auxiliar dos dogmas religiosos e um freio para aqueles que nada recendo nesta vida se arripiam de medo ao pensar *naquela* que a Igreja e os seus agentes lhes dizem existir para além... da morte. E como o andar dos séculos tem acumulado nos nossos pobres cérebros tanta tolice... desta nos veremos talvez um dia livres, mas para isso será preciso que muito se lute pela extinção dos péssimos hábitos adquiridos.

Sejamos sinceros na dor, ao menos.

LIBERTUS

Na Rússia Soviética

O Congresso Comunista

MOSCOW, 21. — No Congresso Comunista o secretário geral do partido expoz a situação do mesmo, demonstrando o seu continuo desenvolvimento e afirmando que as dissensões entre os estados europeus acerca do seu armamento favoreceram a propagação Comunista ao mesmo tempo que tornam inúteis a Sociedade das Nações e o tratado de Locarno.

Um bodo

Avizam-se todos os pobres inscritos da freguesia dos Olivaes que têm de procurar na farmácia Freitas, rua Zólimo Pedroso, os cartões em troca dos quais será dado o bodo oferecido pelo sr. João Simões de Almeida.

A distribuição do bodo faz-se na mesma farmácia no dia 25 do corrente, às 10 horas.

O CASO DO ANGOLA E METRÓPOLE

Foi ontem novamente preso em sua casa o sr. Pinto de Lima. No governo civil foi largamente interrogado pelo sr. Pinto de Magalhães, que com o preso havia jantado na ante-véspera. O sr. Pinto de Lima foi levado para uma esquadra, onde ficou incomunicável.

Também foram chamados ao governo civil os srs. Nuno Simões e Carlos Pereira, sendo ambos ouvidos pelos investigadores. Estes senhores não ficaram presos, ao contrário do que se esperava.

No prédio n.º 13 da rua de São Nicolau, e que pertence a Alves dos Reis, foi passada uma busca por agentes da investigação.

Foi também chamado à polícia o sr. Pires Lavado, funcionário superior dos Correios e Telégrafos, a fim de prestar várias declarações sobre a casa Walker de que o sr. Lavado é guarda-livros. A casa Walker é a representante em Lisboa da firma Waterlow & Co., Ltd., de Londres, fornecedora de notas ao Banco de Portugal.

E foi tudo quanto decorreu ontem, pouco ou nada se adiantando ao que o público já conhece.

A questão do Sindicato da C. P. e Federação Ferroviária

Da Federação Ferroviária recebemos sobre o conflito suscitado pelos actuais dirigentes do Sindicato da C. P. a seguinte «nota officiosa»:

«Reuniu ontem a comissão executiva para apreciar a questão da recusa da chave do gabinete da Federação pelo Sindicato do Pessoal da C. P.

Em virtude dum suplemento ao jornal *O Ferrovieiro* n.º 224, publicado em 20 pelo referido Sindicato e que representa um insulto à Federação, resolveu esta comissão não se entender com os dirigentes do referido Sindicato sobre qualquer assunto, pelo indigno procedimento que estes vêm de adoptar para com o organismo federativo. Por este motivo resolveu entregar a solução da questão aos Sindicatos federados que a deverão resolver brevemente.

Esta comissão, que percorreu as linhas da C. P. em sessões de propaganda de esclarecimento do conflito existente, afirma perentoriamente que o fez por determinação da última reunião do Conselho Federal e não por seu livre arbitrio; mas, não teria ainda cumprido essa resolução, se o Sindicato da C. P. não pretendesse efectuar as citadas reuniões para, à vontade, poder atacar a Federação.

Fica por esta forma desfeita a proposta exploração que o Sindicato da C. P. está desenvolvendo neste sentido, atitude aliás compreendida pela oportuna intervenção da Federação nessas reuniões, não permitindo que se fizessem acusações infundadas.

Mais uma vez esta comissão afirma nunca ter havido, por parte dos seus detractores, a coragem de atacar a Federação nos locais próprios e à frente dos seus representantes, como sucedeu agora mais uma vez nas citadas reuniões, nada concretizando.

Contudo, neste momento andam delegados do referido Sindicato pelas respectivas linhas, pretendendo desvirtuar a verdade dos factos a ver se ludibriam novamente os ferroviários, quando estes constatarem já que perante a Federação aqueles nada dizem.

Ventilou também esta comissão a necessidade de reunir brevemente o Conselho Federal, não tendo, porém, resolvido em definitivo.

Sobre o assunto da chave do gabinete da Federação, resolveu officiar aos sindicatos federados no sentido acima citado. — A comissão executiva.

Perante a conferência para o desarmamento

MOSCOW, 21. — Comentando o facto do comissário do povo para os negócios estrangeiros tomar parte na próxima conferência para o desarmamento, o *Izvestia* afirma que o governo russo tomando parte em tal conferência fará saber a toda a opinião pública mundial que a conferência é inaceitável pela Rússia.

Universidade Popular Portuguesa

As doutrinas político-sociais

Conforme temos noticiado, o dr. sr. José de Magalhães inicia hoje, pelas 21 horas, na Universidade Popular Portuguesa, rua Particular, à rua Almeida e Sousa, a série de conferências sobre as doutrinas político-sociais contemporâneas. A conferência de hoje é de introdução às que se seguirão nas semanas seguintes, que serão realizadas pelos srs. D. Tomás de Vilhena, drs. Brito Camacho, Hipólito Raposo, Ramada Curto, Campos Lima, Sobral de Campos e Manuel Gonçalves Vidal, sendo a série encerrada pelo dr. sr. José de Magalhães.

A sessão cinematográfica educativa semanal, que costuma realizar-se às terças-feiras, será oportunamente anunciada.

A Manchuria ocupada por 250.000 japoneses

XANGAI, 21. — Segundo notícias recebidas nesta cidade, o Japão enviou 250.000 homens para guardar o caminho de ferro internacional da Manchuria.

A pesar de não ter sido concluído qualquer armistício, nos últimos dias não se têm registado combates nos arredores de Mukden.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Usaramo» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Angola e Congo e pelo paquete «Dinis» para a Madeira e norte do Brasil, sendo da caixa geral as ultimas tiragens de correspondências registadas, respectivamente, às 9 e 10 horas e das ordinárias às 11 e 12 horas; pelo paquete «António Delíno» para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, efectuando-se a ultima tiragem às 9 horas e por via Marselha para a Índia portuguesa e Macau, sendo a ultima tiragem às 11.30. Amanhã, 23, pelo paquete «Lima» para a Madeira e Açores. A ultima tiragem é às 7 horas e para as registadas até às 17.30 de hoje.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações. Preço 1500; pelo correio, 1520; registado, 1550. Pedidos à administração de A *Batalha*.

Queixas e reclamações

Vem a esta redacção Ernesto Cesar, trabalhador da Câmara Municipal, referir-nos que tendo ido à 4.ª zona das obras pedir transferência para a 5.ª, em resposta ao seu pedido teve a recusa do condutor da 4.ª zona que a seguir com os aparelhadores e apontadores o empurraram e maltrataram, chamando ainda por cima um polícia para o prender.

O polícia que era o invej da maioria dos civicos deu-lhe razão e recusou-se a prendê-lo. Semelhante procedimento é ignóbil. Não há o direito de transformar as obras da Câmara Municipal numa roça e de se tratar os trabalhadores como quem trata escravos negros.

Vida Sindical

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE. Federação da Construção Civil. — Com a mesma ordem de trabalhos, já anteriormente publicada, pelas 21 horas, o Conselho Federal.

Condutores de Carroças. — Pelas 20 horas a comissão administrativa para assumto de importância, sendo indispensável a comparência de todos os componentes.

Federação Mobiliária. — Pelas 20.30 horas, o Conselho Federal, com a ordem de trabalhos já publicada.

Federação Metalúrgica. — Às 20.30 horas a comissão administrativa para assumto urgente.

S. U. Metalúrgico. — Convida todos os seus cobradores de áreas e fábricas, pelas 20 horas, para tratar dum assumto de alta importância.

S. U. do Mobiliário. — Pelas 21 horas, os corpos gerentes e todos os camaradas que têm exercido cargos no Sindicato.

Operários Alfaiates. — A assembleia geral, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Relatório da delegação à Conferência do Socorro Vermelho; 2.º Apreciar e resolver sobre uma proposta da direcção.

DIAS PRÓXIMOS: S. União da Construção Civil. — Conselho Técnico. — Pelas 20 horas, reúne amanhã o conselho de delegados.

SINDICATOS DA PROVINCIA

União dos Sindicatos Operários de Faro. — Nomeou a nova comissão administrativa que ficou assim constituída: secretário geral, João Humberto Matias; secretário administrativo, Joaquim Braz; tesoureiro, Manuel Madeira Júnior; secretários do conselho, Manuel Mourão e Francisco Xavier Pereira.

Foi apreciado o officio enviado à *Batalha* acerca da entrada dum padre na sede da U. S. O. para acompanhar um funeral dum ferroviário, sendo aprovada a matéria nele contida e resolvido officiar sobre o assumto à Delegação Ferroviária. Foi aprovado o parecer da comissão revisora de contas. Foi também apreciada a circular da C. G. T. para nomeação dum delegado ao Conselho Confederal em substituição do actual, sendo aceite por todos os delegados.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Comissão Organizadora do II Congresso Nacional. — Reúne hoje, pelas 21 horas, para continuação de trabalhos. Núcleo de Lisboa. — Secretariado Central. — Reúne hoje, extraordinariamente, pelas 20.30 horas.

Comissão Organizadora da Secção Central. — Reúne hoje, pelas 20 horas.

Comissão Organizadora da Secção Santos. — Reúne hoje, pelas 20 horas, na sede da secção Central.

Jovens Metalúrgicos. — Convida-se a reunir hoje, pelas 21 horas, para tratar assuntos de transcendental importância, no local já demarcado.

Prédio que ameaça ruína

Reuniu extraordinariamente a Comissão Paroquial Socialista do Castelo para protestar energicamente contra a maneira anti-humana como as autoridades administrativas consentem que o prédio situado na freguesia do Castelo, R. Santa Cruz, 10, 12 e 14, que está condenado há mais de 2 anos pela Câmara, ainda não fosse demolido. Se não forem tomadas medidas, muito brevemente teremos a lamentar uma grande desgracia, superior à catástrofe da Travessa do Tarajo.

MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL

86 camponeses da Bessarabia condenados à prisão ou a trabalhos forçados

Foram julgados em Kichinev, Roménia, os camponeses da Bessarabia acusados de terem tomado parte nos levantamentos de Tatar-Bunar.

Dos 480 presos,